Amigos pós-modernos: concepções acerca dos aspectos positivos e negativos do *Facebook* [1]

Lindnoslen Guelnete Costa PINNA[2]
Lindinete Pereira do NASCIMENTO[3]
Misonete Gueidneli Cavalcanti COSTA[4]
Universidade Federal da Bahia, Salvador - Bahia

Resumo

Investigou-se a diferença entre o número de amigos verdadeiros e do *Facebook* estabelecendo as opções de aceitação ou negação de pedidos e suas principais motivações. Também foram questionados quais são os aspectos positivos e negativos desta plataforma. O processo metodológico baseou-se numa pesquisa empírica, centrada nos aspectos qualitativos obtidos a partir das respostas e narrativas. Amostra foi de 45 pessoas de ambos os sexos e com faixa etária de 6 a 67 anos. A inteligência coletiva construída a partir das narrativas empíricas, demonstrou que para além da idade e nível de escolaridade, todos os pesquisados narraram concepções semelhantes acerca dos conceitos de amigo verdadeiro e amigos de *Facebook*. Os vínculos afetivos não são o mais importante no *Facebook,* mas as demais relações que nele se estabelecem.
Palavras-chave: Cibercultura; *Facebook*; sociabilidade; narrativas; aplicativos móveis

1. Introdução

As transformações vertiginosas em todas as áreas do conhecimento criando uma aceleração efervescente da comunicação globalizada, compartilhada e conectada, gerou mudanças significativas e perceptíveis nas nossas formas de sociabilização, formação de

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Multimídia da Intercom Júnior – XIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

[2] Estudante de graduação, 1º semestre, curso de Direção Teatral, ETUFBA – UFBA, e-mail: guelnet@hotmail com

[3] Orientadora do trabalho. Jornalista. Faculdade Social da Bahia. FSBA, e-mail:lindinete1@hotmail.com

[4] Co-Orientadora do trabalho. Professora-Pesquisadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IFBaiano. e-mail: misoncosta@catu.ifbaiano.edu.br

laços e criticidade quanto a forma de ver, sentir e compreender o mundo pós-moderno[5]. O que mais de dois bilhões de pessoas no planeta tem atualmente em comum? Elas participam de uma rede que as conecta, possibilitando a criação de um espaço virtual para nele constituírem suas rede de amigos e poderem (teoricamente) se expressar livre e de forma democraticamente sem custos.

Segundo Lemos (2010) as comunidades virtuais são grupos de pessoas que estão conectadas por intermédio de tecnologias da comunicação à distância e utilizando formas de conexão ao ciberespaço. Essas interações congregam indivíduos que podem apresentar potencialmente os mesmos interesses, ideologias, objetivos, ou sentimento de pertencimento, formando-se assim, uma comunidade virtual.

Extrapolando os limites da cultura, territorialidade, tempo, linguagem, religiões, estratos sociais e todas as categorias de diferenciação que a sociedade pós-moderna pode impor, as afinidades virtuais são o elo que une pessoas pelo planeta. Indivíduos que se conhecem, mas que poderiam nunca estabeleceram um simples diálogo na vida cotidiana, adicionam-se no *Facebook* pelos mais diversos motivos, constituindo assim as novas configurações de "amizade". E pessoas que nunca vimos, também podem ficar muito próximas, na nossa lista de amigos.

O *Facebook* é a rede social criada por Mark Zuckerberg e colaboradores em 2004 e que vem contribuindo para a mudança de paradigmas da sociabilidade. Inicialmente, congregava no ciberespaço estudantes universitários da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Atualmente a plataforma se expandiu e é considerada, em menos de 15 anos de existência a maior rede social do mundo. Movimenta bilhões de dólares sem produzir efetivamente um bem de produção ou de consumo. Por ser relativamente recente a sua implementação, não possui ainda muitos estudos sobre a imensa gama de possibilidades de investigação que oferece, notadamente na área de cibercultura.

Não somos mais os mesmos seres sociais e nossas interações mediadas pelo universo *on-line* trouxeram significativos avanços na participação social e estabelecimento do direito de formar opinião num novo contexto cognitivo. Por outro

[5] Este é um conceito muito abrangente e com diferentes olhares. No vocabulário de Bauman, a "pós-modernidade" significa uma sociedade ou um tipo de condição humana com características próprias que o distinguem da modernidade, pautadas na insegurança, liberdade consumidora e relacionamentos amorosos frágeis.

lado, aspectos bastante negativos também emergem do "admirável mundo novo" que construímos cotidianamente nas nossas redes sociais.

> Numa abordagem antropológica, o ser humano é por natureza, social, portanto, sempre busca oportunidades de relacionamentos entre si, de formar e estar em grupos, comunidades, em redes e ainda receber, transmitir e compartilhar opiniões, experiências e sentimentos. [...] a diferença entre nós e os primeiros humanos são os meios utilizados para nos comunicar e interagir, tendo como exemplo mais relevante e atual a Internet e suas ferramentas (e-mails, fóruns e principalmente as redes sociais). (ARNAUT et al., 2011)

Se no passado recente "saber da vida alheia" era coisa de fofoqueiros, hoje são as próprias pessoas que divulgam sua intimidade, dão sua localização precisa, filmam ações cotidianas, fingem que são felizes, fotografam sua comida, expõem seus conflitos e também são alvos de comentários maldosos ou ações mais agressivas como as praticadas pelos *haters*[6].

Novas tecnologias foram criadas, possibilitando a participação ativa e pressupostamente democrática da sociedade na construção de um saber coletivo, rompendo com as amarras hegemônicas.

E se os "laços fortes" das amizades "verdadeiras" são tão importantes, por que, agora que podemos nos conhecer melhor e em maior número pelas nossas *timelines,* não ampliamos e aprofundamos essas relações?

Aos poucos estaremos substituindo as tecnologias e suas possibilidades pelas mais atuais? Jenkins diz que não, pois: "Palavras impressas não eliminaram as palavras faladas. O cinema não eliminou o teatro. A televisão não eliminou o rádio. Cada antigo meio foi forçado a conviver com os meios emergentes." Os antigos meios ainda são necessários e não estão sendo substituídos. (JENKINS, 2009, p. 39)

Segundo Levy, (1998, p. 24) nunca foi tão fácil "disparar a projeção de um espetáculo multimídia na tela da imaginação" das pessoas e pescar na rede humana, quase que instantaneamente as respostas para a uma investigação qualitativa. Na comodidade do lar foi possível estabelecer vários diálogos *on line,* que se dependessem das agendas dos atores envolvidos, se tornaria inviável devido a questão do tempo e dos deslocamentos necessários para as entrevistas, por exemplo. Portanto, essa capacidade

[6] *Hater* é um termo usado na internet para classificar pessoas que postam comentários de ódio ou crítica sem muito critério.

colaborativa, representa uma importante riqueza no conhecimento pós-moderno. (LEVY, 2003)

> As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Não se pode mais conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa que redistribui as antigas divisões entre experiência e teoria. (LEVY, 1998, p.4)

No estilo tradicional de levantamento de informações, que Primo (2003, p. 10) conceitua como "interação reativa" visto que é "marcada por um automatismo estímulo-resposta.", foi possível obter respostas semelhantes. E as narrativas, segundo critérios específicos da sociolinguística, são mais interessantes para nós, visto que "a perspectiva do falante e de seu ouvinte, dando curso à transferência da informação e da experiência" aprofunda nossa própria compreensão do que são aproximadamente a linguagem e a vida social",. (LABOV, 1997, p.2)

A escolha pelo gênero narrativas, se ancora na sua possibilidade de evidenciar as experiências pessoais, pois segundo Tarallo (1997, p. 22) esses estudos "têm demonstrado que, ao relatá-las o informante está tão envolvido emocionalmente com o que relata que presta o mínimo de atenção ao como. E é principalmente esta a situação natural de comunicação almejada pelo pesquisador-sociolingüísta."

E embora milhares de *tweets*, *posts* no *Facebook*, e mensagens "sejam publicados todos os dias e circulem pelas mais variadas esferas sociais, pouco se faz no sentido de compreender seus efeitos e impactos, suas condições de produção e, mesmo, às formações discursivas que se filiam." Recuero acredita que "isso se deve à complexidade dos *designs* metodológicos necessários para tais estudos, especialmente no que diz respeito à coleta e análise dos dados em larga escala. "(RECUERO, 2014, p. 290)

Certamente que muitas indagações cabem no caldeirão cibercultural em que estamos enredados e muitas pesquisas são pertinentes e necessárias nessa área. Lembramos que a pesquisa com base em narrativas, não busca "provar" alguma coisa, mas mostrar os entendimentos e percepções dos sujeitos em determinados contextos.

> A elaboração de tecnologias intelectuais não pode ser dissociada da pesquisa empírica em ecologia cognitiva. Conhecemos muito pouco a forma pela qual são realmente

> trocadas informações no interior dos grupos, porque idéias de pessoas diferentes podem combinar-se de maneira eficaz e criativa ou, pelo contrário, bloquearem-se mutuamente. Como pensar um sujeito cognitivo coletivo? De quais instrumentos conceituais nós dispomos para apreender a inteligência dos grupos? (LEVY, 1998, p. 22)

Assim sendo, justificamos este estudo como um desenho experimental que costurou diversos aportes tecnológicos, diferentes estratégias dialógicas e abordagens epistemológicas complementares no sentido de construir uma metodologia de pesquisa que valorizasse também as implicações dos pesquisadores juntos aos construtores do conhecimento coletivo.

Objetivos

Geral

Investigar a diferença entre o número de amigos verdadeiros e do *Facebook* estabelecendo as opções de aceitação ou negação de pedidos *Facebook* e suas principais motivações bem como quais são os aspectos positivos e negativos desta plataforma.

Específicos

- Determinar quais são os aplicativos móveis mais utilizados pelos entrevistados;
- Saber se os entrevistados adicionam pessoas desconhecidas aos seus perfis e por qual motivo;
- Estabelecer qual o aplicativo considerado indispensável para os entrevistados.

Metodologia

O processo metodológico baseou-se numa pesquisa empírica, centrada nos aspectos qualitativos obtidos a partir das respostas e narrativas. O questionário contém 6 questões, sendo que 2 foram de cunho dissertativo. As respostas obtidas puderam gerar desdobramentos em outras perguntas pertinentes a temática, de acordo com a necessidade de aprofundamento. As perguntas não constantes no questionário puderam ser realizadas, tanto na interação face a face quanto por meio do *Facebook,* com os participantes *on line*.

A amostra foi obtida aleatoriamente a partir da solicitação on line ou face a face. Foi disponiblizado via *Facebook* o questionário, onde puderam ser obtidas respostas

escritas ou gravadas em áudio. Os erros ortográficos foram mantidos, por se tratar de uma citação literal desses entrevistados.

Nas entrevistas face a face, as respostas foram escritas ou gravadas e posteriormente decupadas. Os ambientes onde os entrevistados foram encontrados foram um *campus* universitário, um setor de um instituto de pesquisa em educação, uma biblioteca, uma portaria e a casa de amigos.

O questionário contou com as seguintes perguntas fixas:1) Quais os quatro aplicativos que você mais usa por ordem de maior número de acessos?

2) Quantos amigos você tem no *Facebook*?

3) Quantos amigos você considera verdadeiros?

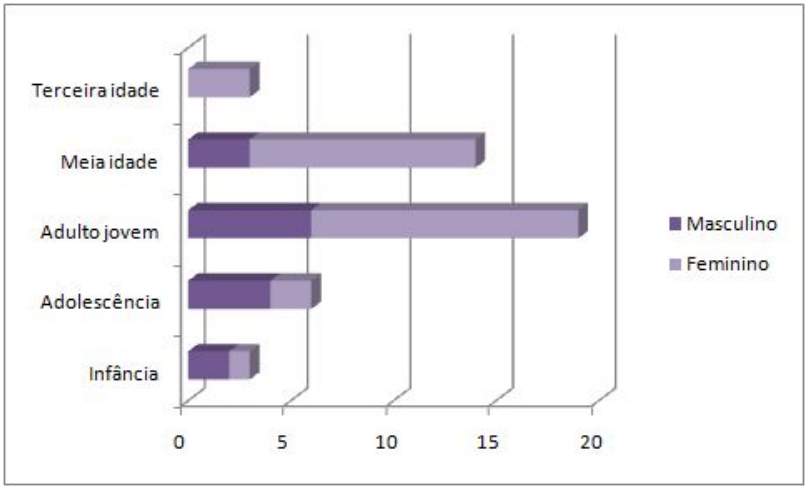
4) Se apenas um aplicativo pudesse ser utilizado em seu celular, qual você consideraria indispensável?

5) Você aceita solicitações de amizade de pessoas que você não conhece pessoalmente? Por que?

6) Quais os aspectos mais positivos e mais negativos no *Facebook*?

O processo vivenciado nos diversos tipos de obtenção das respostas, ocorreram por interação face e interação mediada, com a possibilidade de deixas simbólicas quando ocorreram no contexto da co-presença.

A amostra contou com 45 pessoas, sendo 30 do sexo feminino e 15 no sexo masculino. com idades entre 6 e 67 anos, e categorizadas segundo o critério de faixa etária:



Classificação	Anos
Infância	2 -12
Adolescência	13 - 19
Adulto jovem	20 - 39
Meia idade	40 - 59
Terceira idade	60 em diante

Tabela 1 - Faixa etária e sexo. Fonte: elaboração das autoras.

As narrativas foram captadas face a face, com a utilização de meios mecânicos (escrita), eletrônicos e aplicativos móveis (câmera e gravador). Também foram realizadas entrevistas por escrito enviadas por *Whats App, Facebook* e *e-mail*. Foram enviados 40 questionários pelos meios eletrônicos (*e-mai*l, *Whatts App*, Facebook) e foram realizadas também 40 interações face a face, sendo que apenas cinco com pessoas desconhecidas que estavam nos locais citados, a trabalho ou ocasionalmente.

A pesquisa foi orientada para um grupo específico de receptores, visto que buscamos sujeitos próximos, tais como familiares, amigos, colegas de universidade e de trabalho por entendermos que as possibilidades de aprofundamento posteriores estariam favorecidas, bem como para comparar se os laços de amizade interferem na quantidade de respostas obtidas.

Resultados

Pela natureza da pesquisa, as relações estabelecidas baseiam-se nos achados mais interessantes e que serão referendados pelo discurso narrativo. Como são inúmeras as possibilidades de arranjo entre as categorias sexo, idade, escolaridade, naturalidade, profissão, estado civil e as perguntas, relacionamos primeiramente os dados mensuráveis aliados a um conjunto de dados subjetivos da análise.

Quanto ao tipo de interação qualitativa entre pesquisadores e sujeitos

Muito interessante foi a diferença entre a abordagem face a face e por interação mediada. Enquanto apenas uma pessoa (desconhecida) e uma colega de curso (on line no *Facebook* no momento da solicitação) se recusaram a responder o questionário, todos os conhecidos do ambiente de trabalho responderam enquanto estavam em seus postos de serviço. O mesmo foi verificado com 3 pessoas desconhecidas, dois porteiros e uma atendente de biblioteca que gentilmente se dispuseram a ser entrevistados.

Quanto a pesquisa foi enviada para grupos de pessoas conhecidas no *Whatsapp e Facebook,* a taxa de resposta foi próxima de zero. Entendemos que por ser um grupo, e portanto impessoal, as pessoas não se sentem com nenhum compromisso em relação a solicitação.

Quanto a forma de interação para aplicação do questionário, 32 foram realizados face a face, 12 pelo Facebook e 1 por e-mail.

Quanto aos dados sociais:

Quanto a profissão, devido aos locais das entrevistas face a face, que foram universidade e local de trabalho, a predominância foi de professores (12) e estudantes (19).

A profissão não estabelece diferenciação quanto aos aplicativos mais usados, a não ser no caso de pessoas que trabalham com audiovisual. Excetuando as crianças, todos os entrevistados citaram o *Whats App* e o *Facebook* como um dos quatro aplicativos mais utilizados, sugerindo que estes dois aplicativos já estão integrados a vida das pessoas de uma forma indissociável, sendo que os dois foram apontados como aplicativo indispensável.

Destacamos que o *Instagram* foi um dos aplicativos mais citados pelos estudantes universitários e os aplicativos de *internet banking* foram mais freqüentes entre os professores.

Quanto à qualidade das respostas por faixa etária nas diferentes questões

As 3 crianças da amostra foram entrevistadas face a face com gravação via celular. Elas são estudantes do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental (E.F), não possuem *Facebook,* mas usam ocasionalmente os de suas mães, pois apesar de manifestarem o desejo de ter uma conta, mas seus pais não permitem.

Mesmo havendo limite de idade mínima, para integrar a plataforma, existem muitas crianças que criam perfis e inserem a informação falsa de que tem 18 anos. Afinal, no Face:

> Virtualmente você pode ser quem quiser e a pessoa nem desconfiar. Não existe o desvio de olhar, a mão inquieta entre outros sinais possíveis de se detectar pessoalmente. (M. A, 22 anos, caixa, solteira)

O *Facebook* está completamente difundido em todas as classes sociais, faixas etárias e níveis de escolaridade, sendo que apenas quatro adultos da amostra não possuem *Facebook*, mas todos já possuíram em algum momento da vida uma conta da plataforma, narrando experiências seriamente desagradáveis como motivo do abandono ou encerramento da conta.

Sem exceção, os quatro adultos "sem-*Face",* relataram ter pouquíssimos amigos, utilizam a internet com fins profissionais e preferem a interação face a face. Por não ser objeto desse estudo, essas narrativas constituirão futuramente uma nova abordagem.

Comparada aos 3 adultos com a mesma escolaridade, as crianças demonstraram gostar praticamente dos mesmos aplicativos, citando jogos e *Youtube* como os mais acessados. Eles demonstraram compreensão dos aspectos negativos e positivos do *Facebook*, evidenciando o caráter universal da plataforma.

Responderam ao questionário quanto às suas concepções do que é amigo, demonstrando já dominarem o saber empírico sobre a temática

> Amigo de verdade é o que está perto, no seu país. Amigo do Facebook está longe. [...] Eu tenho 3 amigos. Nenhum deles está mais na minha escola. Dudu, Enzo... Amapola não é minha amiga, é minha namorada. (S. C, 7 anos, estudante)

Concluímos que a faixa etária não interfere na qualidade das respostas discursivas e nem nas preferências de uso por escolares alfabetizados e letrados digitalmente.

Os 8 adolescentes (13 a 19 anos) da amostra se expressaram tão bem quanto os entrevistados com maior experiência de vida. Sendo que 6 deles estão cursando nível superior numa instituição pública e relataram intenso uso de outros aplicativos, tais como uso *Whatapp, Instagram, Youtub*e, *Uber* e os aplicativos de encontros *Grinder* e *Tumbler.*

Foram mencionados aplicativos de comunicação, como *Whatsapp* como os imprescindíveis. O objetivo maior seria manter contato principalmente com os filhos, cônjuge e demais familiares.

Aspectos qualitativos das respostas relacionados à escolaridade

A escolaridade demonstrou que há variáveis significativas na leitura de mundo dos entrevistados. Na linguagem das crianças, acostumadas ao uso da tecnologia, o domínio de suas narrativas foi presente.

Já quanto aos adultos, também estudantes do ensino fundamental, houveram dificuldades desde o entendimento da pergunta quanto aos aplicativos mais utilizados, onde a primeira interrogação era compreender a significação e aplicabilidade do termo, até a profundidade e relevância das respostas.

Foi evidenciado que a construção do pensamento foi prejudicado pela dificuldade em emitir opiniões mais elaboradas acerca de conhecimentos práticos e experiência do *Facebook* nas entrevistas face a face. Já na entrevista via Facebook, foi demonstrada que já houveram experiências positivas e negativas interessantes:

> Positivos são que podemos **nus** comunicar visualmente de longa distância é também podemos fazer anúncios de compra e venda e vários **postes** de muitas coisas tal como

> fotos vídeos mensagens e compartilhar de tudo um pouco. Negativos são que tem riscos de pessoas invadirem sua conta...e insistir em fazer amizades e querem que aceitemos de qualquer jeito ou forma possível (E.S. 36 anos, doméstica)

Quanto aos quatro aplicativos mais usados pode ordem de acessos:

O termo polissêmico "aplicativo" gerou muitas possibilidades de compreensão por parte de todos os entrevistados. A pergunta 1 foi: "Quais os quatro aplicativos que você mais utiliza atualmente? (Por ordem de mais acessos) ". Alguns entendem que é o aplicativo móvel, mas outros entendem que é tudo que é acessado pela internet. Alguns perguntaram. Outros demonstraram pela linguagem facial que estavam em dúvida. Mas teve também quem tenha citado *softwares*.

Nas interações face a face, interferimos e acrescentamos "aplicativo de celular", quando foi notado que o entrevistado tinha dúvida.

Os aplicativos móveis mais citados foram *Whats app, Facebook, Instagram, Youtube, Uber, Twiter, aplicativos de internet banking, Gmail, Hotmail, Yahoo, Google maps, Google navegador, Gtalk, Cittamobi, Google fotos, Messenger, SMS, Spotfy, Media Player, Adobre Premier, Printerest, Soundcloud, Pacote Office, Grinder, Tumbler, GIMP, Kdenlive, Jogos de Facebook, Waze, Vivino e Cuchsurfing*. Os dez mais prevalentes foram:

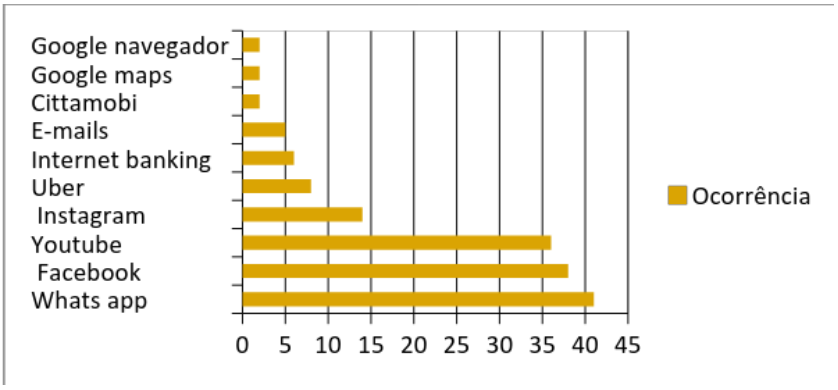


Tabela 2 – Aplicativos mais citados. Fonte: Elaboração dos autores

Nessa amostra, apenas as crianças duas crianças não tem celular. Não utilizam *Whats App,* mas usam o Youtube para chegarem até seus desenhos preferidos. O *Facebook* é amplamente citado, tenho apenas 4 adultos que não tem conta, mas já tiveram um dia. Apenas um adulto não usa *Whats App* e é considerada "estranha" pelas pessoas por causa dessa preferência.

Apenas um adulto admitiu usar aplicativos para se relacionar com pessoas desconhecidas. Ela disse usar o *Tinder* e o *Happn* para conhecer pessoas, que geralmente são jovens, interessante e que não teria como estabelecer contato no cotidiano, sequer suspeitando que eles nutrissem por ela interesse sexual.

Se apenas um aplicativo pudesse ser utilizado no seu celular, qual você consideraria indispensável?

O aplicativo considerado imprescindível, caso só um pudesse ser utilizado no celular, foi o *Whatsapp,* seguido do *Facebook*. Foi citado o *Uber* uma vez, com a justificativa bastante pertinente, de que sem ele no celular é impossível chamar um motorista e o "zap tb não pode, mas tem o celular pra ligar."

Indubitavelmente uma ferramenta que veio substituir a forma como nos comunicamos e as próprias funções do telefone. Muitas pessoas preferem digitar, ficando assim livres para exercer outras atividades e até mesmo manter conversas paralelas, então, é cada vez mais raro fazer uma chamada telefônica pelas operadoras.

Quanto ao número de amigos no *Facebook* e os considerados verdadeiros

Essa pergunta revelou um grande paradoxo, pois com exceção das crianças, que não duvidam de suas relações de amizades, todos os grupos estacionaram nessa pergunta. Essa pausa dramática os levou a refletir sobre sua interação e seus critérios quanto à amizade.

Será que estamos "simulando" a realidade e até ressignificando nossos comportamentos sem maiores percepções disso?

Afinal, segundo Baudrillard, "Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência. Mas é mais complicado, pois simular não é fingir." (BAUDRILLARD, 1981, p.9)

> Ih, menina... aí não sei... Tá difícil! Juntando tudo? (R.A, 20, estudante de comunicação)
>
> Não fecho nem uma mão... Tirando a família. (Y.G, 28, estudante de comunicação)
>
> Isso é pergunta que se faça menina! Deixa eu ver... No Face 600... (A. M, 50, professora)
>
> Facebook: mais de 2 mil contatos - muitos contatos profissionais desta lista. Vida "real": em torno de 100 amigos, e amigos íntimos uns 20 (S.Y, guia turístico)
>
> Michele... Deixa eu pensar... Michele... (K.D, 18, estudante)

Na tabela abaixo, agrupamos a quantidade de usuários e suas respostas:

Usuários	Amigos verdadeiros	Amigos de Facebook
11	300 - 1000	1 a 15
25	1001 - 2000	2 a 40

5	Mais de 2001	15 a 80

Tabela 3 - Relação entre amigos verdadeiros e amigos do *Facebook.* Elaboração das autoras.

Existe uma relação progressiva entre o número de amigos verdadeiros e os presentes no *Facebook.* Não podemos inferir o que cada entrevistado compreende como amigo verdadeiro. Não era este o foco da pesquisa. Sua apreciação, segundo critérios inerentes a sua subjetividade e representadas por uma resposta traduzida em um número é o que foi considerado.

As pessoas com mais de 2000 amigos, por exemplo, relataram ter de 15 a 80 amigos verdadeiros, no entanto este dado não é mensurável tecnicamente. Estes entrevistados, são pessoas que relataram ter interesses profissionais e portanto, utilizam o *Facebook* também como ferramenta de publicidade de suas atividades profissionais.

O número de amigos no Facebook, é algo facilmente comprovado. A maioria dos entrevistados abriu o seu perfil e relatou o número. A pessoa que relatou ter apenas um, revelou que esta era sua mãe. A grande maioria das pessoas apresenta perfis entre 300 e 1000 pessoas. O número de amigos verdadeiros não apresenta relação direta com o número de amigos do *Facebook* para as duas categorias iniciais (até 2000 amigos), sendo que os que têm acima de 2000 amigos, relataram um número sempre acima de 15 amigos verdadeiros.

O grupo de que têm de 1001 a 2000 amigos no *Facebook*, foi o que ofereceu respostas mais diferenciadas. A maioria situou seu número de amigos entre 2 e 10 amigos, no entanto, uma pessoa relatou ter 40 amigos e disse que considera alguns familiares amigos verdadeiros.

O conceito de amigo verdadeiro é para esta amostra de difícil conceituação, visto que reações de surpresa, inquietação e dúvida foram frequentes. Somente as 3 crianças não demonstraram dúvida quanto ao seu número de amigos verdadeiros. Elas não estão incluídas na tabela 3 por não terem *Facebook.*

Os 3 entrevistados que encerraram suas contas ou as mantém suspensas, tinham entre 300 e 1000 amigos. São pessoas mais reservadas e demonstraram mais segurança quanto ao número de amigos verdadeiros.

A entrevistada que não usa *Facebook*, relatou que foi a filha quem criou a conta, adicionou pessoas e ela pouco entrou na plataforma há anos atrás. Ela também não soube responder quantos amigos foram adicionados ao seu perfil.

Concluímos que as relações de amizade possuem diversificações inerentes às concepções de cada um, sendo frequente o entendimento que "amigos do *Facebook*" constituem uma modalidade diferente de sociabilização. Face aos números apresentados, está implícito que os números diferem devido a concepção geral de que a palavra "amigo" utilizada no Facebook não reflete a realidade do conceito em si, para além da comunidade virtual.

Você aceita solicitações de amizade no Facebook de pessoas que não conhece? Por que?

Este aspecto divide opiniões e também sugere que pode haver falseamento de algumas respostas. Por exemplo, as pessoas que responderam com firmeza que não ou nunca, quando questionadas sobre se o pedido viesse de um familiar de uma amiga sua de verdade, como ficaria? Então, as pessoas pensavam melhor. O mesmo acontecia quando diziam que não e tinham dois amigos verdadeiros e quase cinco mil no *Facebook.*

A maioria das pessoas não adiciona sem critério. Os critérios variam entre se é do sexo oposto, se é atraente, se parece ser uma pessoa interessante, se manda uma mensagem no privado tentando estabelecer contato, dentre outras..

Foi citado que essas pessoas que possuem amigos em comum são mais facilmente aceitas, pois em tese elas estariam já numa rede de interações. Algumas pessoas se incomodam muito com "estranhos" na sua página, se sentem espionadas ou pouco à vontade.

Foi relatado um caso em que o filho não adicionava a mãe porque "Mãe não é amigo, é parente"(A. P, 30, Técnico em informática). Também foi relatado que adicionar experimentalmente, para ver se a pessoa interage é uma estratégia comum, especialmente entre solteiros.

Apesar de ser uma página pessoal, onde o usuário deveria ter plena autonomia sobre suas decisões, foi relatado que muitas vezes o usuário se vê obrigado a aceitar os colegas de trabalho, incluindo o chefe. Uma professora relatou que se incomodava com os pedidos de amizade de seus alunos. Criou outro perfil especificamente para a vida profissional e utilizava o *Facebook* como ferramenta de comunicação, enviando slides, dando sugestões didáticas e fortalecendo seus laços fora da escola.

Fizemos um recorte com as três possibilidades de resposta:

> Aceito,porem deleto muitos contatos também! No facebook, trato o conceito de amigo de forma diferente... (A.A, 36, professor/biólogo)
>
> Eu não aceito pq não conheço, ora bolas. [...] Você posta fotos, as vezes escreve o que pensa. Não gosto de conhecer ninguém virtualmente, não flui. Uma coisa é conversar com um possível estranho olho no olho. (M. A, 22 anos, caixa, solteira)
>
> Acepto em Facebook invitaciones de alguna personas que no conosco solo por curiosidad (O.C, 40, guia de turismo)

Concluímos que a maioria que diz não aceitar se contradiz em seguida. E os que aceitam, o fazem por critérios como interesse pessoal, interesses profissionais semelhantes e amigos em comum.

Quanto aos aspectos positivos e negativos no *Facebook:*

Essa pergunta levou a muitas reflexões interessantes e foram as mais longas. A exposição da própria vida de forma considerada exagerada, postando muitas *selfies* e dando "relatório" de onde está e o que está fazendo foi bastante criticada.

Questões relacionadas a privacidade e uso indevido de dados, discursos de ódio, circulação de notícias falsas, alienação, "mundo de faz de conta onde todo mundo é feliz", comunicação superficial e sem embasamento, brigas, especialmente as políticas desrespeito às opiniões.

Foram citados como positivas as formas de interação com pessoas que vivem longe, não perder o contato, dando a impressão de estarem próximos uns dos outros e acompanharem suas vidas, saberem o que estão fazendo.

As narrativas falam por si:

> Positivas: interação, informações sobre eventos, brincadeiras. Negativa: exposição em excesso, opiniões sem embasamento algum, notícias falsas (R. L, 43, servidora pública)
> Negativas: A ilusão de que a vida dos outros é mais interessante; sensação de diminuição frente a ostentação do outro; comunicações superficiais (S.V, 38, servidora federal)
>
> A espetacularização da vida alheia. E as pessoas tem necessidade de dizer se estão felizes ou tristes. (M.D, 42, Professora de Inglês)
> Ter que lidar com juízes sem toga. Tenho paciência não. (Y.G, 28, estudante)
> Pegam os nossos dados e fazem o que querem. E a forma como administram o filtro da publicidade. (P.N. 33, produtora de audiovisual)
> Brigas virtuais ("verdadeiros barracos"), criticas nonsenses e maldosas, fofocas caminhando numa velocidade super veloz. (Y.I, 36, estudante)
> Fico jogando no Facebook... adoro os jogos e me distraio (J.A, 27, dona de casa)
>
> Aproxima que está longe, e afasta quem está perto.. (A.A, 36, professor/biólogo)
>
> Essa época de discussão política fica tóxico o Facebook. [...]Você se cadastra no Facebook e já consegue se logar em outras plataformas. Eu acho isso muito confortável. (A.B, 20 estudante)
> Ontem mesmo eu acompanhei um encontro de Lula, Dilma, o pessoal da CUT... Alguma coisa do PT. Sem contar que ele avisa no feed. [...] Então você tem a coisa em tempo real. Ele sabe minhas preferências pessoais. (P.J. 47, autônomo)

De maneira geral, as pessoas demonstraram que o *Facebook*, mesmo com todos os aspectos negativos que apresenta devido ao uso que as pessoas fazem dele, é uma ferramenta útil para conectá-los uns aos outros. Esta conexão é validada e considerada importante na sociabilidade e manutenção das amizades de todos os tipos, mais especialmente para os que fazem parte da plataforma e vivem longe dos entrevistados. Os grupos de discussão foram citados como locais de formação de novos elos, já que as pessoas se unem por um ideal em comum, como os citados que defendem a causa LGBT e o grupo de sororidade "Eu aceito ...eu ofereço".

Considerações finais

Vivemos uma época de transição entre valores e convergências. As possibilidade de colaboração e as facilidades das comodidades virtuais em congregar pessoas, estabelece a formação de novas correntes do saber não hegemônico.

As amizades do *Facebook*, se não possuem o mesmo valor das consideradas reais, tem um aspecto diferencial importante: fortalecem a inteligência coletiva por meio da circulação do conhecimento empírico.

As narrativas retratadas possuem um contexto de memória desta época bem como afirmação dos valores identitários desses indivíduos. Para além das opiniões, estamos diante de uma quadro singular onde crianças demonstraram tanto quanto os adultos compreenderem o que são os amigos verdadeiros, apontando assim para uma construção conceitual que remonta à infância. O uso do *Facebook* está universalizado e as poucas pessoas da amostra que não o utilizam constituíram uma nova abordagem, visto que, este assunto não se esgota neste trabalho.

Referências

ARNAUT, R. e colaboradores. **Era transmídia.** Disponívem em: http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/viewFile/93/pdf. Acesso 07 jul. 2017.

BAUDRILLARD, **Jean. Simulacros e Simulação**. Tradutora Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D"água, 1981

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2003.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

LABOV, W. Alguns passos iniciais na análise narrativa. Disponível em: http://ling,upenn.edu> Acesso em 04 jul 2017.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O Futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia**. 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

LEVY, P. As tecnologias da inteligência. 1988. Disponível em : http://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2015/03/LEVY-Pierre-1998-Tecnologias-da-Intelig%C3%AAncia.pdf> Acesso em 05 jun, 2017.

LEVY, P. **Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4 ed. São Paulo, Loyola. 2013.

PRIMO, A. F. T. **Interação mediada por computador: a comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional.** Tese de doutorado. Porto Alegre. UFRGS. 2003.

RECUERO, R. **Discutindo a análise de conteúdo como método: o dia da Consciência Negra no Twitter. Linguísticos**. (56.2) Campinas, 2014

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 5 ed. São Paulo, Ática, 1997.